



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ISSN2175-9596



## **“SE PERGUNTAREM, TÁ TUDO LIGADO, ESTÃO MONITORANDO TUDO”: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INSTALAÇÃO DE CÂMERAS NO ESPAÇO ESCOLAR**

*"Si preguntan, todo está encendido, lo están monitoreando todo": consideraciones sobre la instalación de cámaras en el espacio escolar*

*"If they ask, everything is on, they are monitoring everything": considerations about the installation of cameras in the school space*

**Lívia Vargas de Souza<sup>a</sup>**

<sup>(a)</sup> Mestranda PPGeo-UFF. Docente SEEDUC/RJ. E-mail: professoraliviavargas@gmail.com.

### **Resumo**

Nas últimas décadas, placas com a informação “Sorria, você está sendo filmado!” se tornaram comuns nos variados locais das cidades brasileiras: bancos, shoppings, ruas, praças, condomínios fechados, hospitais. Os questionamentos sobre a vigilância, ampliada no espaço cotidiano, se voltam aqui para um espaço específico: a escola que é analisada, junto com as prisões e os hospícios, por Foucault (1987) em sua obra “Vigiar e Punir”, como uma instituição disciplinar onde os mecanismos de poder, capazes de controlar o espaço, se destacam. O presente trabalho tem como objetivo apresentar qual o papel do monitoramento por câmeras no espaço escolar, onde as câmeras intensificam a dinâmica da vigilância. Tendo como objeto de análise uma das escolas selecionadas para realização do estudo de caso, através da observação participante. Este artigo é fruto das pesquisas iniciais do mestrado que está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF.

**Palavras-chave:** Espaço escolar; Câmeras; Vigilância; Monitoramento; Biopolítica.

### **Resumen**

*En las últimas décadas, placas con la información "Sonría, usted está siendo filmado!" Se volvieron comunes en los variados lugares de las ciudades brasileñas: bancos, shoppings, calles, plazas, condominios cerrados, hospitales. Los cuestionamientos sobre la vigilancia, ampliada en*

*el espacio cotidiano, se vuelven aquí a un espacio específico: la escuela que es analizada, junto con las prisiones y los hospicios, por Foucault (1987) en su obra "Surveiller et Punir", como una institución disciplinaria donde los mecanismos de poder, capaces de controlar el espacio, se destacan. El presente trabajo tiene como objetivo presentar cuál es el papel del monitoreo por cámaras en el espacio escolar, donde las cámaras intensifican la dinámica de la vigilancia. Teniendo como objeto de análisis una de las escuelas seleccionadas para realizar el estudio de caso, a través de la observación participante. Este artículo es fruto de las investigaciones iniciales del máster que se está realizando en el Programa de Postgrado en Geografía de la Universidad Federal Fluminense - UFF.*

**Palabras clave:** *Espacio escolar; Cámaras; Vigilancia; Monitoreo; Biopolítica.*

### **Abstract**

*In the last decades, signs with the information "Sorria, you are being filmed!" have become common in the various places of Brazilian cities: banks, malls, streets, squares, closed condominiums, hospitals. The questioning of surveillance, amplified in everyday life, turns here to a specific space: the school that is analyzed, together with prisons and hospices, by Foucault (1987) in his work "Surveiller et Punir", as an institution discipline where power mechanisms, capable of controlling space, stand out. The present work aims to present the role of monitoring by cameras in the school space, where the cameras intensify the surveillance dynamics. Having as object of analysis one of the selected schools to carry out the case study, through participant observation. This paper is the result of the initial researches of the master's degree that is being carried out in the Postgraduate Program in Geography of the Universidade Federal Fluminense - UFF.*

**Keywords:** *School space; Cameras; Surveillance; Monitoring; Biopolitics.*

## **INTRODUÇÃO**

O monitoramento por câmeras têm se tornado cada vez mais comum nas últimas décadas em diversos locais cotidianos, tais como shoppings, agências bancárias, praças, hospitais, ruas, ônibus, condomínios fechados, e, também, as escolas (tanto na rede pública como na rede privada) passaram a ter sistemas de circuito de câmeras em suas dependências como um aparato de vigilância, normalmente utilizando-o em nome da “segurança”.

A escola é identificada, assim como as prisões e os hospícios, por Foucault (1987) em sua obra “Vigiar e Punir”, como uma instituição tipicamente disciplinar, onde os mecanismos de poder, capazes de controlar o espaço, se destacam. Tais controles são facilmente percebidos quando visitamos a maioria das escolas brasileiras: os horários rígidos, a disposição das mesas e cadeiras em sala de aula, os sinais sonoros, os inspetores, a caderneta escolar, o regulamento escolar dentre outros fatores que variam de acordo com as instituições.

Quando se trata de câmeras na escola, um espaço extremamente hierarquizado, vigiado e controlado, tais questões apresentam ainda mais notoriedade e tensionamentos entre os sujeitos que vivem no espaço escolar e desdobramentos na dinâmica escolar. No contexto de aumento da vigilância e monitoramento das unidades de ensino, as câmeras são mais um recurso utilizado dentro de uma diversidade de dispositivos de controle.

Nota-se o crescimento de instalações de câmeras dentro das unidades escolares da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro nos últimos anos, tal fato surpreende, já que, normalmente, a instalação desses equipamentos requer alto investimento financeiro enquanto, no cotidiano das escolas, é nítida a precarização das infraestruturas básicas influenciando diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

O presente trabalho, fruto das pesquisas iniciais do mestrado em curso no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, tem como objetivo apresentar reflexões iniciais sobre o papel do monitoramento por câmeras no espaço escolar, onde as câmeras intensificam a dinâmica da vigilância e monitoramento, tendo como objeto de análise uma das escolas selecionadas para realização do estudo de caso que pertence à Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro e está localizada no município de São Gonçalo. O objeto de análise - que corresponde a uma das escolas selecionadas para realização do estudo de caso na dissertação - é pertencente à Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro e está localizada no município de São Gonçalo, na região metropolitana do estado.

## **CÂMERAS NAS ESCOLAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

As escolas estão inseridas dentro de uma sociedade em que a questão da segurança está em evidência a todo o momento, onde controlar “risco” torna-se cada vez mais a prática cotidiana dos cidadãos e das instituições governamentais. Para o sociólogo Ulrich Beck (2010) a sociedade de risco corresponde a uma fase da moderna sociedade industrial em que a dinâmica de mudança e incerteza é tal que as instituições de “controle e proteção” não conseguem dar conta da produção de riscos de todo tipo – políticos, ecológicos, individuais.

O termo sociedade de risco é utilizado para caracterizar nosso tempo, visto que a grande preocupação

com o fato de “correr riscos” e as medidas preventivas aplicadas para reduzi-los tornam-se prioridade nos investimentos e discursos públicos (Haesbaert, 2012). Para aprofundar a ideia de como a sociedade de risco está estruturada, buscamos o conceito de “sociedade de segurança” ou “biopolítica”, proveniente da análise proposta por Foucault (1988), para quem na sociedade contemporânea estaria ocorrendo o declínio da “sociedade disciplinar” e do “poder soberano”.

Dentre as diversas perspectivas que podemos compreender a escola, e seus mecanismos de vigilância, partiremos da abordagem realizada por Foucault, em sua obra clássica “Vigiar e Punir”. A escola é caracterizada como uma instituição disciplinar estruturada por mecanismos de vigilância e controle do espaço com o objetivo do controle dos corpos utilizando a disciplina como formas de dominação principalmente a partir dos séculos XVII e XVIII (Foucault, 1987, p. 118).

Nas instituições disciplinares, com o foco na escola, a organização e o controle do espaço têm um protagonismo que será a base para as demais formas de dominação, “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (Foucault, 1987, p. 121). A partir desta dinâmica espacial outros tipos de controle serão realizados, tais como os das atividades que terão o horário e a organização temporal regulados de forma que o tempo terá também uma enorme importância: “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (Foucault, 1987, p. 128), fazendo com que o ritmo, a repetição e a eficiência das ações tenham uma importante dimensão no controle exercido.

Nas instituições disciplinares, com o foco na escola, a organização e o controle do espaço têm um protagonismo que será a base para as demais formas de dominação, “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (Foucault, 1987 p. 121). A partir desta dinâmica espacial outros tipos de controle serão realizados, tais como os das atividades que terão o horário e a organização temporal regulados de forma que o tempo terá também uma enorme importância: “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (Foucault, 1987 p. 129), fazendo com que o ritmo, a repetição e a eficiência das ações tenham uma importante dimensão.

O controle do espaço e do tempo na escola é realizado através de técnicas de controle como divisão das turmas em segmentos, estabelecendo séries organizadas em um tempo evolutivo, onde a realização de uma prova tem a finalidade de verificar se o indivíduo atingiu o nível, garantir sua aprendizagem e diferenciar as capacidades de cada indivíduo (Foucault, 1987, p. 134). Atreladas ao

sistema encontra-se também formas punitivas para esses indivíduos que “compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza.” (Foucault, 1987, p. 153). Tal característica se perpetua desde o fim da era clássica nas instituições.

Apesar do número ainda crescente de pessoas inseridas em tais instituições, podemos notar uma clara ineficácia em cumprir suas funções básicas, já que o poder de disciplinar o indivíduo não tem atingido os resultados esperados. Desta forma, nota-se a crise deste tipo de sistema, a partir da metade do século XIX, segundo Foucault, e passamos a ter como dominante a sociedade biopolítica que passa a se organizar em torno das novas penalidades através de técnicas que buscam garantir fatores de segregação e de hierarquização social. Garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia, possibilitando também o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro. (Foucault, 1988). Desta forma, a principal forma de controle da sociedade biopolítica é caracterizada pelos dispositivos de segurança:

Dispositivo de segurança que vai, para dizer as coisas de maneira absolutamente global, inserir o fenômeno em questão a saber, o roubo, numa série de acontecimentos prováveis. Em segundo lugar, as reações de poder ante esse fenômeno vão ser inseridas num cálculo que é um cálculo de custo. Enfim, em terceiro lugar, em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai-se fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir. É portanto toda uma outra distribuição das coisas e dos mecanismos que assim se esboça (Foucault, 2008, p. 9).

Assim, as técnicas de segurança consistem na reativação e na transformação das técnicas jurídico-legais, das técnicas disciplinares e a segurança está inserida não só os mecanismos de segurança, mas também as velhas estruturas da lei e da disciplina. Segundo Foucault (2008) os dispositivos de segurança apresentam quatro características principais: os espaços de segurança, o tratamento aleatório, a forma de normalização e a correlação entre a técnica de segurança e a população. Tais características são apresentadas sempre correlacionando o biopoder com o poder soberano e disciplinar.

Para analisarmos de que forma os dispositivos de segurança nos ajudam a compreender as formas de controle espacial, recorreremos à Haesbaert (2014) onde se faz a análise da forma com que cada poder enfatiza um tipo espacial:

Embora possamos e, em certo sentido, até mesmo devamos discordar dos termos espaciais expostos, mas pouco desdobrados por Foucault: “território”, “espaço” (hierárquico e funcional) e “meio”, sem dúvida é importante a distinção de ênfase proposta por ele em relação às diferentes técnicas espaciais que estão em jogo. Assim, se obsevamos não como estágios sucessivos, mas como modalidades concomitantes, embora desigualmente articuladas, e tivermos o cuidado de precisar melhor o sentido geográfico de cada termo, sem dúvida teremos uma boa referência para o entendimento da espacialidade contemporânea. Tal como na relação inicialmente ressaltada entre soberania, disciplina e segurança, trata-se aqui de trabalhar de forma conjugada “território”, “espaço” (disciplinar) e “meio” (Haesbaert, 2014, p. 168).

Podemos identificar, num primeiro momento, a instalação das câmeras no espaço escolar como um dispositivo de controle da sociedade biopolítica em busca do controle espacial inserido na instituição clássica disciplinar. Evidencia-se o caráter aglutinador do poder soberano, disciplinar e biopolítico. O controle do “espaço disciplinar” está conectado, desta forma, com o controle do “meio”, já que para Foucault:

Os dispositivos de segurança trabalham, criam, organizam, planejam um meio antes mesmo da noção ter sido formada e isolada. O meio vai ser portanto aquilo em que se faz a circulação. [...] Portanto, é esse fenômeno de circulação das causas e dos efeitos que é visado através do meio. E, enfim, o meio aparece como um campo de intervenção em que, em vez de atingir os indivíduos como um conjunto de sujeitos de direito capazes de ações voluntárias - o que acontecia no caso da soberania -, em vez de atingi-los como uma multiplicidade de organismos, de corpos capazes de desempenhos, e de desempenhos requeridos como na disciplina, vai-se procurar atingir, precisamente, uma população. Ou seja, uma multiplicidade de indivíduos que são e que só existem profunda, essencial, biologicamente ligados à materialidade dentro da qual existem. O que vai se procurar atingir por esse meio é precisamente o ponto em que uma série de acontecimentos, que esses indivíduos, populações e grupos produzem, interfere com acontecimentos de tipo quase natural que se produzem ao redor deles (Foucault, 2008, p.28).

As câmeras instaladas no espaço escolar funcionarão como dispositivos que poderão controlar a população que circula naquele “meio”, ou seja: estudantes, docentes e funcionários da escola. Com o objetivo de checar, quando necessário, acontecimentos que fugiram a um padrão - normalmente disciplinar - esperado. Tal técnica de controle no espaço escolar é recente e surge a partir do momento em que há uma precarização da infraestrutura da escola que pode ser relacionada com o modelo econômico atual onde:

Vivemos o domínio do capital financeiro, especulativo, que se desloca do setor efetivamente produtivo, gerador de empregos; uma economia pautada em setores de alta tecnologia, poupadores de força de trabalho; o desmonte do “Estado-providência” ou do bem-estar social (que também atuava como válvula de escape, empregando em épocas de crise) e a superação do padrão de acumulação fordista, em nome da globalização neoliberal e seus processos de “flexibilização” e privatização pós-fordistas. Tudo isso se agrega para criar uma massa de expropriados que passa a ser considerada um problema, às vezes por sua simples mobilidade física e/ou por sua reprodução biológica (a mera “ocupação de espaços” dessa massa ou “população” vista como perigo ou risco) (Haesbaert, 2014, p. 183).

A partir do momento em que a população inserida na rede pública de ensino está, em sua maioria, vinculada aos territórios precários, a vigilância e o controle serão cada vez mais colocados como prioridade nos espaços onde elas circulam – “meio” para Foucault – das mais diversas formas e uma delas será o controle realizado a partir da instalação de câmeras no espaço escolar.

A educação pública, incluindo o recorte espacial desta pesquisa (escola da rede estadual de educação no município de São Gonçalo), está sendo atingida pela debilitação do Estado em aspectos essenciais do seu funcionamento, como falta de funcionários de apoio (todas as escolas da rede estadual de educação do Rio de Janeiro estão sem porteiro desde o início de 2016<sup>1</sup>), diminuição drástica da verba de manutenção, ausência de concurso para funcionários de apoio, salários atrasados dos funcionários terceirizados, dentre outros. Apesar deste contexto, de intensa precarização da rede estadual de educação, diversas escolas estaduais do município instalaram câmeras nos últimos anos. Ou seja, diante da incapacidade de manter os elementos que estruturam a escola como a clássica instituição disciplinar e caracterizam a tradicional forma de vigilância (exemplo: porteiros e inspetores de estudantes), a vigilância por câmeras surge como uma nova forma, atrelada a outras, de manter o controle no espaço escolar diante de uma nova realidade do sistema capitalista.

Desta maneira faz-se necessário o diálogo com Deleuze (1992) que analisa a decadência da sociedade disciplinar onde é constante a suposta necessidade de reformar tais instituições, mas que tal artifício não passaria de uma transição para a instalação do que ele irá denominar “sociedades de controle” onde “os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”.

---

<sup>1</sup> Fonte: “Escolas da rede estadual do RJ estão desde o início do ano sem porteiros”. Recuperado em 01 de setembro de 2017 de: <http://cbn.globoradio.globo.com/default.htm?url=/rio-de-janeiro/2016/04/01/ESCOLAS-DA-REDE-ESTADUAL-DO-RJ-ESTAO-DESDE-O-INICIO-DO-ANO-SEM-PORTEIROS.htm>.

O monitoramento por câmeras no espaço escolar se encaixa nesta lógica, onde “as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus”.

## **A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA EM UM LUGAR FAMILIAR**

A abordagem metodológica da pesquisa conta inicialmente com um levantamento bibliográfico de trabalhos que envolvam a temática sobre a vigilância, controle espacial, biopolítica, sociedade de controle e espaço escolar no campo de estudo das ciências sociais com o objetivo de contextualizar e reinterpretar a vigilância/monitoramento de câmeras na escola. Consultamos também matérias publicadas em periódicos na internet, jornais e revistas a respeito do processo de mudanças que estão ocorrendo nas escolas modernas, principalmente sobre o controle exercido por novas tecnologias.

Serão também realizados estudos de casos em duas escolas em que os sistemas de câmeras foram instalados em momento distintos: uma unidade escolar com sistema instalado há mais tempo (ainda a ser selecionada) e outra – onde a autora trabalha como docente há cinco anos - e as câmeras foram instaladas mais recentemente. Tais escolhas se justificam pelo entendimento de que a comparação de processos distintos, invariavelmente, enriquecerá a análise sobre os usos das câmeras em espaços escolares.

Até o momento a pesquisa está sendo realizada através do método da observação participante – notadamente na unidade escolar em que a pesquisadora trabalha. Nesta perspectiva metodológica, o observador – ao participar de maneira ativa das próprias relações presentes no cotidiano estudado, além de estar, em certa medida, inserido na cultura do grupo –, tem uma visão privilegiada das atividades daquilo e daqueles a quem observa (Somekh & Jones, 2015).

As amostras são coletadas a partir de instrumentos de observação semiestruturados registrados em caderneta de campo, além do uso de material fotográfico. Por outro lado, pretende-se realizar análise documental de regimentos internos, folhetos direcionados aos alunos, atas de conselho de classe, livros de ocorrência e outros que tenham relação com o controle e vigilância da escola a partir das câmeras. E, ainda, realizar entrevistas estruturadas e semiestruturadas com os diversos sujeitos que constituem o espaço escolar a fim de identificar quais as diferentes visões acerca das câmeras na escola.



## **CÂMERAS NO ESPAÇO ESCOLAR: BREVES CONSIDERAÇÕES**

As escolas da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro vêm enfrentando, nos últimos anos, novas formas de controle das suas atividades. Torna-se importante o esclarecimento de que a câmeras são uma tecnologia social de controle da população que circula no “meio”, segundo Foucault, e que está entrelaçada com outras formas de controle nas escolas que atualizam as antigas vigilâncias exercidas pelo poder disciplinar.

Desde 2012 as escolas da rede estadual adotam o “currículo mínimo” que é obrigatório em todas as unidades, nos 92 municípios do estado, onde docentes devem seguir o mesmo padrão imposto pela Secretaria Estadual de Educação, sem considerar a realidade local e as especificidades dos processos de ensino-aprendizagem em cada espaço escolar. Estes conteúdos trabalhados devem ser lançados no sistema online pelos professores (ou pela equipe diretiva, caso o prazo não seja cumprido). Até 2016 os estudantes realizavam bimestralmente uma avaliação externa, aplicada e corrigida pela própria Secretaria de Educação, gerando índices que deveriam cumprir uma meta pré-estabelecida para cada unidade de ensino.

O sistema de notas online atrela a nota avaliativa à quantidade de falta bimestral, quando há muita reprovação (nota abaixo da “média”) diz-se que o “fluxo” está baixo e quando o estudante apresenta “distorção série-idade” ele é transferido para uma turma chamada “correção de fluxo”. Por sua vez, havendo mais de 25% de falta bimestral a escola deve preencher um relatório para cada estudante indicando a ocorrência.

Os índices de avaliação externa, “fluxo” das turmas e evasão escolar são acompanhados através da GIDE (Gestão Integrada da Escola) que além de controlar tais índices, realiza uma análise da situação de cada escola, inclusive em aspectos administrativos, e que tem com objetivo, segundo a Secretaria Estadual de Educação, elevar os resultados das escolas no Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB). Até 2016 as escolas tinham metas a serem cumpridas durante o ano letivo e participavam de um sistema de bonificação, as unidades que alcançavam os números “ótimos” os funcionários administrativos e docentes ganhavam o 14º salário.

Percebe-se que tais formas de controle das atividades escolares ganham uma nova roupagem, podendo ser caracterizados como dispositivos de controle típicos da sociedade de controle, segundo Deleuze (1992) ou da sociedade biopolítica de acordo com Foucault (2008), influenciando diretamente na dinâmica escolar e das próprias relações de poder entre os sujeitos.

No momento em que o projeto de pesquisa foi construído não havia câmeras instaladas na escola onde a pesquisadora exerce a função de docente. Porém, na primeira reunião geral do ano de 2017, a diretora da unidade escolar anunciou que logo se iniciaria o processo de instalação. Sem nenhuma consulta à comunidade escolar, a única reação observada foi a de um professor que prontamente indagou sobre a possível instalação de câmeras nas salas de aula, o que foi negado pela diretora.

A instalação das câmeras teve início durante o recesso escolar (em julho de 2017). Na volta às aulas havia cinco câmeras distribuídas na rampa que liga o térreo ao primeiro andar, e outras duas em cada corredor de sala de aula (nos dois primeiros andares). A finalização da instalação ocorreu em setembro, onde foram colocadas, ao todo, dezesseis câmeras, além de uma tela com as imagens capturadas pelos aparelhos, que foi alocada em uma tela de catorze polegadas na sala da secretaria escolar.

Um fato curioso é que na volta às aulas pós-recesso, só descobrimos que as câmeras foram instaladas através estudantes de uma turma que ocupa uma das salas de aula que estão no raio de alcance das câmeras instaladas no corredor do primeiro andar. Espontaneamente estes começaram a opinar sobre as câmeras: “Com certeza têm câmera escondida na escola!”; “Protesta! Tá virado pra nossa turma!”; “Tinha que estar virado para o corredor essa desgraça”; “Ter câmera na escola eu até entendo porque não tem como a mulher vigiar lá em cima, mas virada logo pra cá?”; “Professora, tem uma lá em cima que já puxaram, mas as meninas da limpeza já avisaram pra direção”; “Botaram a câmera pra cá porque a gente é o terror do ‘Brizolão’”. Percebe-se que, no primeiro momento, os estudantes demonstram insatisfação com a instalação das câmeras por ela estar voltada diretamente para a sala de aula (Figura 1), onde eles permanecem durante a maior parte do tempo, mas naturalizam a necessidade de vigilância no espaço escolar.

**Figura 1**

Livia Vargas de Souza: Câmeras no corredor do primeiro andar na escola estudada. 2017.

No mesmo dia, perguntei à inspetora qual câmera havia sido puxada, ela me mostrou para uma das instaladas no corredor do segundo andar e disse “Se perguntarem, tá tudo ligado, estão monitorando tudo” e riu no final, desta forma descobriu-se que, na realidade, o que havia sido instalado, até então, eram apenas o objeto das câmeras, sem a instalação para captura das imagens. Com esse discurso nota-se que uma das intenções, ao menos inicial, era de fazer com que os estudantes se sentissem monitorados pelas câmeras, mesmo com elas desligadas.

Pode-se contextualizar a instalação de câmeras como uma das novas formas de controle na instituição disciplinar escolar estudada. A análise do uso das imagens capturadas apontou de que forma e, em que momentos, a câmera renova os mecanismos disciplinares de controle ou representa um dispositivo de controle do biopoder, de acordo com os conceitos de Foucault. Cabe salientar que nenhuma forma de controle é somente disciplinar ou biopolítica, mas pode tender para um dos dois tipos de controle.

## REFERÊNCIAS

Beck, U. (2010). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G. (1992). "Post-Scriptum" Sobre as sociedades de controle. In G. Deleuze (Ed.). *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* [24. ed.]. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2008). *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)* [tradução de Eduardo Brandão]. São Paulo: Martins Fontes.

Haesbaert, R. (2012). Cidade “i-mobilizada”: contenção e contornamento como estratégias territoriais de controle. In J. L. Barbosa & E. Limonad (Orgs.). *Ordenamento territorial e ambiental*. Niterói: EdUFF.

Haesbaert, R. (2014). *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Somekh, B. & Jones, L. (2015). Observação. In B. Somekh & C. Lewin (Orgs.). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis: Vozes.